

Ramón Villares  
Historiador. Ensaísta. “Figura da Nación”  
da Cultura Galega e Portuguesa\*  
José Viriato Capela\*\*



Conheci pessoalmente Ramón Villares em 2001, quando o convidei para proferir uma Conferência inaugural de umas Jornadas da *Associação Portuguesa de História Económica e Social*, que se realizaram na nossa Universidade do Minho.

A partir de então tive oportunidade de ir conhecendo a sua obra e com ele ir convivendo nas suas múltiplas vindas à nossa Universidade, muitas vezes nas tarefas de Reitor da Universidade de Santiago de Compostela – e ultimamente também como membro do Plenário do Conselho Cultural da Universidade do Minho e da sua Unidade Cultural da Casa Museu de Monção.

---

\* *Laudatio* do padrinho na cerimónia de atribuição pela Universidade do Minho das insígnias de Doutor *Honoris Causa* ao Professor Ramón Villares, em sessão realizada no Salão Medieval da UM em 17 Julho 2015.

\*\* Presidente da Casa Museu de Monção. Professor Catedrático do Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais da UMinho.

Mas esta circunstância e responsabilidade de ter de vir a fazer o seu elogio público nesta Cerimónia de outorga do Doutoramento Honoris Causa pela nossa Universidade não estava nos meus horizontes. Mas faço-o com a maior honra e apreço intelectual e humano que a figura de Ramón Villares nos merece, a mim e aos meus colegas do Departamento de História e do Instituto de Ciências Sociais que acolheu e votou, com júbilo, unanimemente, a minha proposta de concessão do título de Doutor Honoris Causa pela Universidade do Minho a Ramón Villares.

Como apresentar em tão nobre ato e de forma breve e sintética a figura de Ramón Villares que a nossa Academia Minhota por proposta do Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais quer integrar no seu quadro de *Doutores Honoris Causa*?

É tarefa ao mesmo tempo fácil, pela notoriedade académica e pública de Ramón Villares que ultrapassa de largo as fronteiras do seu país, mas difícil pela extensão, mais alta valia e significado da sua obra científica, académica e cultural que justamente aqui nos convoca para este Ato.

Há uma maneira, mais fácil, mais expedita de o fazer, seguindo as súmulas bio-bibliográficas da apresentação editorial dos seus livros, pelos quais, aliás, muito público universitário e o grande público o conhece.

Em rápida biografia e percurso académico fixemos-lhe os momentos essenciais: nascimento em 1951; Licenciatura em 1973, Doutoramento em 1980; Professor Catedrático de História Contemporânea; Decano da sua Faculdade de Geografia e História (1986-1990), Reitor da sua Universidade de Santiago de Compostela durante os anos 1990-1994.

De forma breve fixam-se aí as principais presenças no mundo académico e da cultura: Membro da Real Academia galega; Membro fundador e Presidente da Associação Espanhola de História Contemporânea entre 1996-2002; Diretor na Galiza da Universidade Internacional Menendez Pelayo (UIMP), 1997-2006; Atual Presidente do Conselho da Cultura Galega.

De forma breve diz-se também «especializado em História Agrária e História Intelectual»; e «que sua obra abarca aspetos mui diversos, ainda que preferentemente orientados para a compreensão do Mundo Contemporâneo» onde é dito «autor de duas dúzias de livros e numerosos artigos de sua especialidade».

Assinala-se aí também a direção de dúzias de memórias de Licenciatura e de Doutoramento quasi todas centradas na História Social e Agrária da Galiza, assim como vários projetos de investigação.

Refere-se ainda a pertença a Conselhos de Redação e *referee* de múltiplas Revistas de especialidade. Retemos aqui as das Universidades Portuguesas prestigiadas, *Ler História* (ISCTE – Lisboa), *Análise Social* (ICS – Lisboa), *Revista de História da Sociedade e Cultura* (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).

Tudo isto, muito pouco, para quem conhece a extensão do *Curriculum Vitae* de Ramón Villares, desde logo para muitos dos que o acompanham nesta sala, a comunidade da Historiografia e História da Cultura em Portugal e também a comunidade académica da Universidade do Minho que no processo de apresentação da proposta de Ramón Villares a *Doutor Honoris Causa* teve oportunidade de se confrontar com o seu vastíssimo *Curriculum* que releva em muito as sùmulas das Apresentações nas suas Obras.

Para a definição do campo intelectual de Ramón Villares, completarei o quadro dos seus interesses e projetos de investigação por ele próprio elencados: a História Agrária; Politização campesina, Historiografia, Estudos Culturais, História das Migrações e do Exílio».

Da obra escrita, salientarei três conjuntos essenciais. Os ligados à *História da Galiza*, a começar pelas obras de História Social Agrária da Galiza e também da Emigração, superiormente iniciadas na sua Tese Doutoral *La propiedad de la tierra en Galicia 1500-1936* (prémio de melhor tese em Filosofia e Humanidades apresentada em Espanha em 1980, pela Universidade Internacional Menéndez Pelayo), seguida de vasto políptico de outros trabalhos ligados ao tema da Sociedade galega de Antigo Regime e da Época Contemporânea; *Figuras da Nación* que reúne 12 ensaios relativos quasi todos à História Cultural e Política da Galiza Contemporânea; a *História da Galiza* (1.<sup>a</sup> edição de 1984), que no ano passado de 2014 vê a sua 12.<sup>a</sup> edição, traduzida em vários idiomas, submetida a várias revisões e complementos. E outras muitas colaborações em obras coletivas de História da Galiza, em especial *Galicia Siglo XX*, sobre a História mais recente.

Depois o núcleo de estudos sobre a *História Contemporânea e História de Espanha*, com as obras maiores, *O Mundo Contemporâneo, séculos XIX e XX* (em 8.ª edição de 2013); em curso a *História de Espanha*, esta um ambicioso projeto de 12 volumes que co-dirige com Josep Fontana.

E um núcleo muito variado de outras obras, ensaios, apresentações, artigos de revistas de temas da sua especialidade e sobre a História. Neste quadro permitam-me salientar um dos seus mais recentes trabalhos, pelo significado para a nossa cultura Lusíada, o prólogo à 1.ª edição espanhola de *Casa Grande y Senzala de Gilberto Freire* (Madrid, 2010).

Em Ramón Villares o que logo de imediato nos atrai é essa enorme paixão pela *História* – ou História como paixão – que em textos de rara beleza e polifonia, na sua “castiça” língua galega cheia de cores e sonoridades – que faz questão de cultivar para mais largamente ir ao encontro das gentes e culturas – nos embriaga nesse sentimento de viver, sentir e amar a História e dela quer fazer a Alma Mater das Humanidades.

Que o faz seguindo desde logo as fileiras dos maiores cultores da Historiografia Espanhola e Europeia que formam a consciência crítica e prospetiva para os problemas do seu tempo e dos seus povos. Nela entram logo também as referências maiores da Historiografia Portuguesa Peninsular e até Europeia de Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Jaime Cortesão, José Mattoso. E que o leva a dirigir os seus estudos para os momentos críticos e principais agentes motores e transformadores da vida dos Povos e Comunidades, na produção de uma História como paixão, que é uma história de ordem pragmática, não para resgatar o Tempo Perdido mas “a que adquire forma e sentido moral, de uma moral como crítica do mundo e não o seu produto”.

E pela História, por essa maneira de pensar mais abrangente das Ciências Humanas e Sociais quer compreender o Mundo de Hoje, tão difícil está de pensar pelo amontoado e catadupa de informação e ao qual é mesmo necessário incutir o sopro de inteligibilidade e coerência deste campo destas Ciências.

Ramón Villares é sabido, é hoje uma das referências da Historiografia Hispânica, com cujo contributo – e de outros da sua geração – a historiografia espanhola recuperou do seu atraso e se colocou ao mais alto nível da Historiografia Europeia e Universal.

É desde a sua origem uma História escrita na prática das regras mais apuradas do ofício do Historiador (ao modo do que ensina Marc Bloch), com o intenso trabalho de arquivo, nos fundos das instituições galegas que tão ricas são e tão pouco exploradas estavam, cuja obra vem valorizar e incentivar ao estudo e proteção e funciona como estímulo ao trabalho que é necessário fazer nos e a partir dos Arquivos Históricos. Esta é uma investigação e uma ciência que é levada a cabo no quadro da *Nova História dos Annales* que inicia na Escola de Eiras Roel, bem como nos horizontes pós-marxistas, praticando desde logo com Josep Fontana e outros na historiografia do «marxismo plural» de Pierre Vilar. Mas será em Vicens Vives, na sua monumental *História Social e Económica de Espanha e América* que ilumina a historiografia espanhola e mundial desde 1957 – e mais intensamente desde 1971 – que descansará enfim «seu coração» de Historiador. Estão aí as mais profundas marcas da História Social, e também os horizontes hispano-americanos que tão largo espaço tem na sua Historiografia.

Fá-lo desde logo a partir da História da sua terra e das suas gentes na sua *História da Galiza*, que em vários idiomas e edições se vai dando a conhecer ao Mundo, incluindo a Portuguesa, dos Livros Horizonte, 1991. História esta «convertida, como se refere na nota à edição de 2014, em referência fundamental para a compreensão de uma realidade social, cultural e política que praticamente desde as suas origens, forma parte da Europa e participa de modo muito relevante na História de Espanha». E de imediato em mais alto voo para perscrutar na História escrita e reflexiva as primeiras e mais cultas apropriações do sentido e destino da História Galega, na série de Estudos-Ensaio sobre o que muito a propósito chama as *Figuras da Nación*.

Mas se há vetor particularmente inovador na produção e obra historiográfica de Ramón Villares é o sentido de Modernidade e Otimismo que ele transporta à História e à Historiografia Galega (e em geral), que lhe dá o mais forte sopro de atualidade, ativa na fixação da intra-história, isto é, daquele presente da História, de que fala Unamuno. Permitam-me a este propósito destacar a notável fixação da valia e atualidade da obra de Ramón Villares que o Presidente de *La Voz de Galicia*, Santiago Rey Fernandez-Latorre, faz a propósito da edição da *Galicia Siglo XX* (edição de *La Voz de Galicia*): «este volume no es, por tanto un libro más. Incluye nuestra propia biografía, porque las generaciones actuales no pueden entenderse a si mismas si no desentrañam dos hitos de los

*fenómenos que cambiaron su vida. Sólo con eso la Historia Grafica del Siglo XX seria una inpagable aportación. Pero va mucho mais allá: narra magistralmente la intrahistoria de nuestra tierra, en un compendio deslumbrante (...) Sus paginas, concebidas com exacta precision por el professor Ramón Villares, muestran claramente que el último há sido el siglo del despegue de Galicia. El tiempo de su lanzamiento a la modernidad y a la apertura de grandes e nobles expectativas de futuro. Muchas de esas ilusiones coletivas están hoy certamente esbozadas. Todavía hacen falta ímprobos esfuerzos por llevarlos a cabo. Pero conocer cuánto se há trabajado en el siglo XX por hacerlas realidad no constituye un ejercicio de nostalgia. Esta obra es una inyección de corage para luchar por alcanzarlos ahora mismo» (Santiago Rey Fernández – Latorre. Presidente de La Voz de Galicia).*

Está de facto presente em toda a obra de Ramón Villares uma das mais vigorosas reações ao pessimismo decadentista que percorre a Cultura e Letras Peninsulares desde a geração *fini secular* de 89 e que corria (corre) o risco de ser olhada e seguida na sua História e na sua Literatura e Historiografia de modo acrítico. Neste caso coloca-se nos antípodas ou em reação ao Reitor de Salamanca, Unamuno, que aqui já citamos, que em autores portugueses como Antero, Camilo, Laranjeira, reforçou os sentimentos decadentistas da História Filosófica dos povos peninsulares, de cujos horizontes quase masoquistas tem a nossa Cultura dificuldades em se libertar.

Esta é uma reação ao mesmo tempo *Historiográfica* e *Antropológica*, que se alimenta sem dúvida dos ambientes do crescimento e criatividade política e cultural galega do pós 1936 que Ramón Villares historicamente surpreende e fixará da sua vivência na Galiza mais Livre, Autónoma e Progressiva, e Culturalmente mais rica da sua Contemporaneidade.

Na História em particular no estudo do Regime Forâneo e na Emigração, fixou as bases da constitucionalidade da Sociedade e Povo Galego no modo como os diferentes interesses se lhe foram moldando no longo prazo até um tempo bem recente. Na Revolução do resgate dos foros, na desamortização, e em particular com as remessas dos emigrantes, e sua ação em prol da instrução do Povo Galego, descortinou os fatores de libertação da terra, e da constituição de proprietários do seu, da Instrução Popular, enfim, de libertação das

energias da nova Sociedade Galega. O instituto forâneo, a emigração, tinham no seu seio sementes do futuro. O que para muitos era vista como suporte da pobreza, bloqueio ao desenvolvimento e fator de exílio, pode volver-se em fator de regeneração, progresso e vitalidade.

Está claro que por sobre este movimento e transformações sociais-agrícolas foi necessário seguir o passo das Revoluções Política, Social e Cultural do Capitalismo, do Liberalismo e da Democracia. E seguir também os caminhos do exílio, para permitir aos galegos ver melhor do exterior a sua terra. É essa constante dialética entre o Presente e o Passado no devir Histórico e na fixação do que hoje argamassa o presente que a obra de Ramón Villares ganha sempre o seu maior interesse e atualidade.

História que logo vai contrastada nos notáveis Ensaísta de história e cultura política sobre a representação que dessa sociedade antiga fazem as Figuras da Nación Galega, próceres da sua moderna cultura e história.

É no estudo das notáveis *Figuras da Nación Galega* que Ramón Villares procederá à análise crítica dos contributos e ações das suas diversas gerações e procederá ao resgate dos imaginários pessimistas e decadentistas, largamente dominantes, do século XIX e 1.º terço do século XX e onde logo integrará as modernas figuras do século XX da Galiza moderna, culta, ilustrada, burguesa, industrial e mercantil.

*Figuras da Nación* (ed. Xerais de Galicia, 1997) recolhe os artigos de figuras e movimentos e círculos culturais escritos de 1977 a 1996, num tempo de ativas reflexões e escritos sobre Nação e Nacionalismos – com a obra central de Fernand Braudel, *L'Identité de France* – mas também de aceleração do processo emigratório para a Europa e que coloca novos problemas de representação da comunidade galega, históricos e de afirmação de identidade. E permite olhar de novos horizontes o processo de integração capitalista da Galiza e zonas periféricas na Ibéria do século XIX. Vai aí ao encontro dos Ilustrados galegos (com tanta influência em Portugal e ainda tão pouco conhecidos) e em especial das «sobranceiras» *Figuras das Gerações* do século XIX e XX, (o Pedraio, o Murguia, o Vicente Risco, o Castelaio, entre outros), cuja análise faz «atendendo ao contexto económico-social e ideológico em que lhes tocou viver (...) enroupadas com fardel da História toda da Galiza do seu tempo».

Este elenco ganha nova envergadura na *Galicia. Siglo XX*, obra maior, inclusive pela larga ilustração iconográfica sobre a Galiza. As *Figuras da Nación*, os lugares de *Memória e Símbolos* e os *Temas Históricos* desta Galiza no século XX são os de uma etapa que assiste só agora, ao fim da Economia e Sociedade de Antigo Regime onde emergem as novas figuras e agentes associados à construção da Galiza Moderna. Por sobre as figuras predominantemente de Letras e Cultura, das Gerações do século XIX e 1.<sup>a</sup> metade do XX, surgem agora os novos empreendedores, os industriais, os sindicalistas, os agentes dos novos movimentos políticos, sociais e culturais, o novo regionalismo, o galeguismo, promoção da Língua Galega, o Estatuto, a Autonomia, ao ritmo das intensas lutas políticas, abertura e renovação cultural. Então é bem mais patente a eficácia social da Cultura e das Letras.

Em paralelo do horizonte Histórico, o *Antropológico* liga Ramón Villares ao mais rico da contribuição e correntes da Cultura e estudos arqueológicos, etnográficos, cultural-linguísticos que se debruçam sobre o povo e a sociedade galega no mais íntimo das ligações genesíacas à terra, à paisagem, à cultura tradicional que o articula às contiguidades histórico-geográficas de Portugal e do Minho, e da sua Cultura, Literatura e Romance da matriz galaico-minhota, na mais viva referência à obra de autores portugueses, em forte convívio intelectual, designadamente a Teixeira de Pascoais, o Dr. Teixeira dos Galegos, figura de referência da comunidade galega e portuguesa de Cultura.

O sentido cultural, cívico e político da obra de Ramón Villares é um dos horizontes principais da sua obra. É como se pretende largamente desenvolver e afirmar nos objetivos da escrita da mais recente *História de Espanha* que coordena com Joseph Fontana para a Crítica/Marcial Pons, «escrever uma História de Espanha que recolha os avanços das investigações dos últimos anos e neles inscrever os novos enfoques e problemas contemporâneos». Aí «se propõe em última instância oferecer, por via do relato histórico, uma visão da Espanha atual, de ordenação política plural em sua forma de Estado e de entusiasta abertura ao exterior em seus comportamentos económicos, sociais e culturais. E é sua «intenção situar o debate sobre o passado coletivo dos espanhóis no ponto de mira da opinião pública da Sociedade atual». Nesse quadro o estudo da *Imprensa Galega* no primeiro terço do século XX, revelar-se-á campo de

estudo privilegiado, porque aliás foi uma das melhores expressões do despertar cultural das vilas galegas», do mesmo modo que é a expressão e está presente no enorme surto da Imprensa local e Regional Portuguesa, na doutrinação e suporte do regionalismo localista e municipal português. O exercício de Historiador na Praça Pública leva-o a sustentar ao longo dos anos 2003, 2004 e 2005 breves crónicas na Rádio Galega que publicou sobre o título de “*Clío nas Ondas. De libros, personas e sazóns*” (2007).

Nunca é de mais sublinhar o alto significado político e cultural da envergadura da escrita de uma *História Geral de Espanha* (e como tal também da Galiza) a que anda associado o destino das mais altas figuras da Cultura, das Letras e da Historiografia de Espanha, que por tal tarefa volve também Ramón Villares em Figura da Nación, da Nação Grande da Hespânia, da Galiza e agora também de Portugal.

Da sua estatura cultural decorrem as mais importantes tarefas que vem sendo chamado a desempenhar em particular as que agora desenvolve no Consello da Cultura Galega com mais elevado critério e sentido estratégico.

Finalmente, e com particular pertinência para esta circunstância, de realçar em Ramón Villares o mais perfeito e completo perfil de “scolar”. Um investigador e professor que ao ensino e à investigação universitária dedica uma vida, onde a missão universitária se coloca no centro das suas atividades, de onde parte e aonde regressa e ao seu “claustro” sempre referenciará a sua obra. Fundador de escola nos múltiplos discípulos que tem formado e na capacidade agregadora e condutora de novos projetos e linhas de investigação, num horizonte de ultrapassagem e de atenção aos novos problemas. Tais como os que o levam, a inserir num dos últimos projetos de investigação em curso, em fidelidade às origens agrárias e rurais da sua primeira investigação, o projeto «*Inventário e Ordenacion dos fundos florestais e rede de avaliacion e vixilancia do médio Ambiente*», em grande medida e resposta ao desordenamento agrário e florestal galego que os incêndios de 2006 tornarão patentes. Na sua obra respira e colige-se, enfim, o melhor e essencial da Literatura Histórica, Historiografia e criação cultural de Espanha e Galiza, num convívio e referência, fluxo e pulsão sempre presentes, entre os seus autores e cultores que insere nas correntes mais avançadas da investigação histórica.

E exprime-se também no largo sucesso editorial das suas obras mais representativas, na Galiza, em Espanha, em Portugal. E de um modo muito especial na larga presença de Ramón Villares nas instituições científicas, académicas e culturais internacionais.

E que dizer sobre o significado da obra de Ramón Villares na Historiografia e Cultura Portuguesa?

Ramon Villares é um militante na Galiza da Cultura e História de Portugal que conhece bem e vai sempre presente nas suas obras, ensaios e iniciativas. Desde logo no manancial de relações históricas das Letras e Cultura Galaico-Minhotas e Portuguesas em particular no século XIX e 1.<sup>a</sup> metade do século XX. E depois nas vicissitudes da nossa História Comum Peninsular (e até europeia), desde as origens de Portugal como Reino Independente, separado da Galicia. Neste quadro se insere a notável coletânea de Estudos sobre *O Século de Xelmirez* (editada sob sua égide pelo Consello da Cultura Galega, 2013) sobre as relações entre Santiago e Braga, o século da Independência do Condado Portucalense e origens de Portugal, apresentado em 2014 no Salão Nobre da Reitoria da Universidade do Minho. A nossa melhor historiografia (designadamente a Iberista) e agora de modo particular e mais moderna com José Mattoso está nos seus horizontes.

Por outro lado, a sua obra é hoje de facto em muitos temas e na apreciação global guia e roteiro para a compreensão da História Portuguesa e também a Minhota, numa perspetiva da história galaico-minhota e peninsular.

Nos estudos sócio-agrírios sobre a Galiza de longa etapa de extinção dos foros (sua remissão e consolidação como por cá se diz), no processo da desamortização, nos caminhos de acesso à terra de velhos e sobretudo novos estratos sociais, em particular no enraizamento histórico-cultural do forte sentido de propriedade e comunidade – civil e paroquial – na construção do processo identitário, há nos textos de Ramón Villares páginas e compreensões que se podem transliterar à realidade minhota e portuguesa.

Esses estudos histórico-culturais servem também à leitura dos imaginários rurais literários, clássicos à cultura e sociedade minhota, desde as visões românticas de António Costa, passando por Júlio Dinis, Camilo Castelo Branco e Jaime Cortesão, à visão mais recente anti idealizada e poliédrica de Aquilino Ribeiro, na *Casa Grande de Romarigães* (1959), de Ruben A. na *Torre de Barbeta* (1965) (Aguiar e Silva – *Caminhos da Memória e do Saber*, UMinho,

2007)). A obra de Ramón Villares é assim essencial à compreensão do nosso Minho rural, telúrico, barroco, que está na continuidade da paisagem galega nos horizontes das transformações operadas na passagem da Sociedade e Economia de Antigo Regime à do Capitalismo do século XX que serve, aliás, de contraponto, à pouco simpática descrição da terra e cidade de Braga que o outro Reitor, o de Salamanca, Unamuno, em *Viagem por Portugal e Espanha* deixa da nossa cidade, dos nossos monumentos, da cultura religiosa dos bracarenses, onde só vê expressões de um castrado «casticismo» português.

Em Ramón Villares a abordagem destes temas vai rigorosamente fixada nas realidades histórico-políticas de ambas as regiões, que permitem inscrever as personagens e os movimentos sociais e culturais de ambas as terras nas suas coordenadas políticas da Galiza no Estado Espanhol, do Minho no Estado Português, de diferentes tradições centralistas, unitárias, regionais, autonómicas e provinciais, que dão tom e destino diverso às suas propostas, aproximam e separam as culturas dos nossos povos e estabelecem termos bem específicos ao diálogo das suas Culturas e dão destino político próprio aos seus territórios.

Com Ramón Villares e a sua obra sentimos que é mais fácil compreender o Tempo em que vivemos. Por ela é possível situar também a nossa terra nos horizontes mais vastos da nossa cultura e geografia que é portuguesa, galaico portuguesa, ibérica e europeia, mas também construção de sentimentos comuns da irmandade e amizade galaico-minhota de que Ramón Villares é por génio e cultura maior cultor.

Esta é a Homenagem que em Ramón Villares se pretende fazer às Letras e Cultura Galaico-portuguesa, à sua moderna historiografia, a mais ativa moderna e criativa, que pretende dar maior horizonte às contiguidades geográficas de ambos os territórios, às permanentes relações económicas e comerciais, às correntes de migrantes, profissões e artífices, enfim, de modo especial mas não reducionista, aos que pretendem celebrá-las, do lado galego na Língua de Camões e de Cervantes, e do lado português, na Língua de Camões e Rosalia de Castro.

Senhor Reitor, membros da comunidade académica, minhas senhoras e meus senhores. Dito isto, tenho a honra, de solicitar em nome do Instituto de Ciências Sociais e do Departamento de História a que pertenço, a atribuição das insígnias de *Doutor Honoris Causa* ao Professor Ramón Villares.

